

ENTRE O ORAL E O ESCRITO: A CRIAÇÃO DE UMA ORALITURA¹

Margarete Nascimento dos Santos²

RESUMO: O objetivo deste artigo é realizar reflexão sobre o conceito de oralitura, conforme é defendido pelos escritores das Antilhas, e as questões que giram em torno da relação entre o oral e o escrito. Também serão apresentadas questões relativas à formação da identidade cultural e como os antilhanos se inserem nessa discussão, bem como a forma pela qual estes escritores se apropriam do conceito de oralitura para justificar a criação de uma literatura local que represente as tradições e o modo de ser do antilhano, e que registre a memória coletiva local.

Palavras-chave: Oralitura. Memória. Identidade.

RÉSUMÉ: Le but de cet article est réaliser réflexion sur les théories liées à l'idée d'oraliture, la façon comme elle est connue entre les écrivains des Antilles, et les questions qui sont autour de cette relation entre l'oral et l'écrit. Aussi il sera présenté les questions qui font références à la formation de l'identité culturel et comme les antillaises sont mis dans cette discussion, bien comme le moyen pour lequel ces écrivains prennent la définition d'oraliture pour justifier la création d'une littérature du lieu qui represente les traditions et la façon d'être du antillain, et que marque la mémoire colective de la région.

Mots-clés: Oraliture. Mémoire. Identité.

INTRODUÇÃO

Localizada na América Central, no Mar do Caribe, e fazendo parte do Arquipélago das Pequenas Antilhas, Martinica e Guadalupe foram colônias de exploração Francesa de 1635, quando aconteceu a ocupação francesa, até 1946, quando passam a Estado da União Francesa, através da lei de 19 de Março.

Conhecidas como DOM (Départements d'outre mer) ou departamentos de ultramar, juntamente com outros dois departamentos (Guiana Francesa e Reunião), Martinica e Guadalupe fazem parte de uma coletividade territorial integrada à República Francesa com o mesmo status que os departamentos metropolitanos (França continental).

1 Texto publicado anteriormente nos Anais do I Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís: Vozes, Performances, Sonoridades. Realizado nos dias 20 a 22 de outubro de 2010 na Universidade Estadual de Londrina.

2 Mestre em Estudos da Linguagem. Professora do curso de Letras – Língua Francesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia. margaretasantos@hotmail.com

O trabalho que ora se apresenta tem por objetivo realizar breve reflexão sobre a produção literária dessa região (Antilhas Francesas), na contemporaneidade. Em meio às questões culturais que em todo tempo questionam a formação identitária dos seus habitantes, essas ilhas nas últimas décadas ganharam destaque também no meio acadêmico ao produzirem uma literatura própria que tem como meta colocar em destaque a produção cultural local.

O conceito de oralitura é adotado pelos escritores antilhanos a partir da década de 80 e a justificativa para o uso de tal nomenclatura, segundo estes autores, está no fato da literatura tradicional, da forma como é concebida, não oferecer espaço que abrigue de forma satisfatória as questões ligadas à produção literária nas Antilhas.

Estes escritores proclamam um movimento intitulado de *créolité* cujo objetivo maior é abrir caminhos que conduzam a uma reflexão mais ampla sobre o ser antilhano, de forma a prezar pela memória coletiva local que está essencialmente forjada na oralidade e que representa as suas tradições.

1 O CRÉOLE, UMA LÍNGUA ENTRE DUAS CULTURAS

A palavra *créole*³ vem do latim “*creare*” e em francês quer dizer “criar ou ser criado”. O termo inicialmente designava a novidade, um mundo novo e se dizia das pessoas nascidas no Novo Mundo. Durante o processo de colonização passa a fazer menção às novas línguas surgidas do convívio entre senhores e escravos, a língua intermediária usada no dia-a-dia da lavoura e da casa grande.

No caso específico do *créole* da Martinica, chama a atenção o fato desta língua não ser apenas o resultado do contato da língua francesa com as línguas africanas, mas também as várias contribuições que recebeu de outros idiomas, a exemplo do espanhol, do inglês, do holandês e das várias línguas faladas na Índia. Apesar de ser dizer que o *créole* da Martinica tem por base a língua francesa, uma análise mais específica coloca em xeque esta teoria, tendo como suporte principalmente o fato da estrutura gramatical de uma e outra não ser a mesma.

3 Em português crioulo. Neste trabalho optou-se por utilizar o termo como no original em francês: *créole*.

O uso do *créole* nas Antilhas suscitou nas últimas décadas grandes discussões entre escritores, políticos, teóricos e população, principalmente no que diz respeito à sua aceitação e normatização. Definir o espaço e a significação deste idioma gera polêmica e alimenta a chama das questões ditas identitárias.

O escritor e psiquiatra martinicano Frantz Fanon, em seu célebre livro, *Pele Negra, Máscaras Brancas*, escrito no início da década de 50, dedica o primeiro capítulo da obra à discussão sobre o negro e a linguagem, e já no primeiro parágrafo ele declara que falar é existir absolutamente para o outro.

Ele afirma ainda que o negro possui duas dimensões, duas relações entre as quais o seu comportamento muda completamente, uma relação com o próprio negro, o seu semelhante, e uma outra com o branco. Essas dimensões se evidenciam principalmente no campo da linguagem a partir do momento em que o homem negro faz uso de códigos diferenciados para estabelecer contato com o outro, variando a linguagem de acordo com a cor da pele do seu receptor.

Para Fanon, falar é, sobretudo, assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização. E essa afirmativa é facilmente detectável na observação atenta do processo de inserção dos ex-escravos antilhanos na sociedade. À medida que pretendiam participar da comunidade branca, colocavam a cultura negra à parte, assumindo a cultura do outro, em um processo de ceder para ganhar.

A aceitabilidade do outro chega à medida que se fala como outro, veste-se como o outro, comporta-se como o outro. Assim adotando a língua francesa, o negro antilhano se torna cada vez mais branco. “Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.” (FANON, 2008, p. 34)

Nesta relação dos franceses com os negros nas Antilhas é nítida dois momentos distintos: o primeiro em que a língua francesa se impõe num processo de assimilação, onde ela aparece como degrau de status dentro da sociedade; e o segundo momento quando acontece o processo de rejeição desta língua do colono, a tomada de consciência e a luta pela afirmação.

O ano de 1848 marca o fim da escravidão nas Antilhas, através de um decreto da II República e graças à ação de Victor Schoelcher⁴. Mas assim como acontece em outras localidades essa aclamada “liberdade” não é um processo fácil para os ex-escravos. Passados os momentos de euforia e comemoração, os negros percebem que há muito a ser feito. Junto à liberdade vinham os problemas ligados à falta de trabalho, à moradia e ao dinheiro, pontos essenciais para a sobrevivência.

Os ex-escravos das Antilhas, também conhecidos como *bois d'ébène*⁵, devido a sua qualidade e status enquanto mercadorias, se deparam ainda com um outro problema, o da língua. E o que aparentemente parecia uma questão de adaptação, com o tempo se mostrou uma questão de imposição e repetição das práticas ditatoriais vivenciadas durante todo o período colonial e que insistia em perdurar mesmo após o processo de libertação.

A língua francesa sempre foi a língua estrangeira, a língua do colono branco. No entanto, a aquisição desta língua no período pós-abolição surge como forma de se sentir livre, como um cidadão que faz realmente parte da comunidade onde mora.

... o negro tentará falar francês porque o crioulo, apesar de ser sua língua materna, língua das canções de ninar e dos contos ouvidos à noite, nas festas e nos velórios, é considerado como um *patois*, um dialeto que se ama e se despreza ao mesmo tempo. (FIGUEIREDO, 1998, p. 20)

O *créole* que até então era a língua falada entre os escravos, começa a perder a importância que sempre teve, pois as pessoas sentem cada vez mais necessidade de falar francês para se sentirem como os franceses, é a sucessão de mudanças que conduz à aceitabilidade.

No processo pós-abolição as escolas também cumprem o seu papel democrático e abrem suas portas aos filhos dos ex-escravos, mas nesta instituição o *créole* não é aceito e a língua francesa mais uma vez se impõe.

4 Francês, oriundo de uma família burguesa de negociantes, é enviado pelo seu pai às Américas como representante comercial da fábrica familiar, para reconhecimento do mercado e possíveis acordos de exportação. Nesta viagem descobre a realidade escravocrata das Américas e na volta à Paris resolver escrever contra a escravidão. Ele se torna um ativista dos direitos dos negros e ao se tornar subsecretário do Estado francês continua lutando por esta causa. Schoelcher é um dos responsáveis pelo decreto de abolição definitiva, de 1848 que interdita a escravidão em todos os territórios franceses.

5 Madeira do Ébano.

Para sobreviver, para conseguir uma colocação digna na sociedade, é preciso falar francês. O francês se torna dessa maneira uma distinção social, o *créole*, a língua que falava, até então, através dos seus cantos das feridas interiores de cada um dos antilhanos, com o tempo é posto a parte.

A Martinica vive em um típico caso de diglossia, que Ferguson define como a:

coexistência de duas línguas com estatutos diferenciados, cujas funções são complementares: uma língua ocidental, de prestígio, transmitida pela escola e usada nas situações públicas e formais, e uma língua adquirida informalmente, oral, desprovida de prestígio e de uso restrito à família. (FERGUSON *apud* FIGUEIREDO, 1998, p. 20).

Um só lugar marcado por duas línguas. A legítima e a adotiva. Um paradoxo onde a língua que sempre foi entendida como legítima (o *créole*) passa a ser a discriminada e a adotiva (o francês) passa a ser a legitimada.

É principalmente na escola que o antilhano aprende a desprezar o *créole*. O francês é a língua ensinada nesta instituição e como tal apresenta-se sob a forma de imposição. A criança, desde o seu nascimento até o momento de ingresso no ensino primário, tem único contato com o *créole* que é a língua falada em casa e usada nas relações entre vizinhos e outras crianças. Mas em determinado momento as famílias, no desejo de um futuro melhor para os seus filhos, proíbem o uso do *créole* em casa reforçando assim o papel que a escola desempenha.

A guerra conduzida pelos franceses contra o *créole* imprimiu um forte sentimento de culpabilidade lingüística na psique dos Antilhanos, sentimento que conduziu alguns ao caminho do suicídio lingüístico: não mais querer falar esta língua ancestral e proibir às crianças de a utilizar. (CONFIANT, [?], p.4, tradução do autor)

2 ORALITURA, A LITERATURA DA ORALIDADE

Contrários ao que muitos acreditam sobre o *créole*, os poetas das Antilhas o chamam de “arrulho divino”. São eles que a partir da década de 30, tendo Aimé Césaire como grande representante, que começam um movimento de reivindicação do espaço do uso do *créole* na sociedade.

No entanto, é apenas a partir da década de 80 que este movimento ganha força com os escritores da criouldade que põem em evidência a língua falada e a escrita como meios para a busca da identidade martinicana.

Eles valorizam a oralidade e a tradição oral através do *créole* e fazem da sua bandeira a oralitura, que seria o termo mais completo para definir uma literatura oral que evidencia a produção literária e cultural do negro.

O termo oralitura, cunhado pelo haitiano Ernst Mirville e usado pela primeira vez em 1974, surge como um neologismo que destina um espaço específico para a literatura oral, sem se confundir com a mesma.

Segundo Mekisono, para os escritores da Martinica a passagem da oralidade para a oralitura é a passagem da memória a curto termo à memória interindividual a longo termo.

É esta relação entre o oral e o escrito, a saída da condição de literatura oral para a escrita, e vice-versa, que se torna tema de discussão entre os defensores da criouldade. Sendo inicialmente uma organização oral, sem registro escrito, o *créole* é uma língua jovem, tem em média 300 anos. No entanto, é através dele, como em qualquer sociedade que domina a escrita, que se veicula valores tradicionais, conhecimentos técnicos e religiosos e se assume a responsabilidade de estabelecer a troca entre o passado e o presente.

A oralitura na Martinica tem um aspecto noturno, pois representa ainda os tempos coloniais em que os escravos trabalhavam na lavoura durante o dia e à noite reuniam-se para contar histórias. Assim como a literatura, a oralitura também possui gêneros possíveis de detectar dentro da sua tradição oral, o que se pode caracterizar como mitos, epopéias, contos, canções, provérbios, ditados e adivinhas.

É válido ainda ressaltar que o uso do termo oralitura não é unanimidade entre os escritores do Caribe. Pesquisadores como o haitiano Georges Castera faz fortes ressalvas a essa nomenclatura e a forma como é usada entre os autores que vivem em ambientes de diglossia, situação semelhante à da Martinica e do Haiti.

Para Castera, cunhar o termo oralitura é apenas uma forma de esconder questões maiores que existem na relação entre o oral e o escrito e que o termo não dá conta de discutir.

Oraliture est un mot-valise proposé par l'écrivain Ernst Mirville, pour remplacer le syntagme « littérature oral ». Beaucoup d'auteurs se sont accaparés du vocable, mais je ne vois pas en quoi il acquiert, par enchantement, un statut de concept. Pour ma part, la dichotomie littérature contre oralité que ce terme essaie de gommer, reste entière : la blessure est sous le sparadrap. Vouloir tout faire remonter aux formes orales est une folklorisation abusive comme cela a souvent cours dans le domaine littéraire et artistique haïtien. (CASTERA, 2001, p. 8)⁶

Apesar de opiniões diversas sobre a nomenclatura, o que se observa é que os escritores em situação de diglossia se unem no que diz respeito à importância de escrever em *créole*, de fazer o registro escrito desta língua como forma de valorização de uma linguagem própria.

Diferentemente do que afirma Castera, os escritores da *créolite* não desejam esconder a ferida que se encontra por baixo do esparadrapo, eles tentam fazer da oralitura um mecanismo, um jogo onde é possível brincar com as normas e os padrões de forma a trazer para o registro escrito o que até então nunca havia sido representado.

Não é apenas usar o francês como língua de escrita, nem o *créole* cuja escrita ainda passa pelo processo de formação, mas sim instigar o leitor na descoberta e decodificação de uma nova forma de fazer literatura, de escrever a história e suas variações, executar o papel de criador de novos termos e grafias.

Negar a língua crioula, como aconteceu durante muitas décadas, é negar a riqueza cultural possível através do bilingüismo. O *créole* guarda a possibilidade da construção do imaginário que na língua francesa é limitado. Para o antilhano não é possível escrever, registrar em outra língua a produção crioula, nenhuma outra língua oferece as possibilidades e a abertura que o *créole* disponibiliza.

Como eles afirmam “a nossa história é uma trança de histórias”. E a possibilidade dessa trança só se faz através da língua. Esta não é a língua africana, nem a língua do colonizador, muito mais do que isso, a língua para eles se torna símbolo da construção da identidade, ela é a representação dos diversos discursos que formam esse ser crioulo.

Os escritores antilhanos na contemporaneidade não buscam respostas, ao contrário disso eles afirmam terem consciência da complexidade da identidade e do

6 Oralitura é uma aglutinação proposta pelo escritor Ernst Mirville para substituir o sintagma “literatura oral”. Muitos autores adotaram o termo, mas eu não vejo em que ele adquiere, por encantamento, um status de conceito. Da minha parte a dicotomia literatura versus oralidade, que este vocábulo tentar apagar, continua viva: a ferida está sob o esparadrapo. Querer que tudo se volte para as formas orais é uma folclorização excessiva bem frequente no atual domínio literária e artístico haitiano. (Tradução livre)

discurso que os constroem. O que de fato eles buscam são alternativas, possibilidades de reflexão sobre esse ser crioulo num território pós-colonial, onde nenhuma contribuição do outro é negada, mas sim transformada e formada num caldeirão cultural que se encontra em constante ebulição.

Chamoiseau admite que escrever é também uma forma de divertimento. Ao criar os personagens e dar vida através das falas, ele adentra um mundo particular. Cada palavra escolhida representa uma visão, uma escolha de idéias e de representações.

Como ele mesmo afirma, a oralitura não é o desejo de criolizar palavras e frases, escrever em *créole* é a possibilidade de expressar a sua visão de mundo.

Et je disais ça surtout pour certains écrivains qui viennent et qui à notre suite essaient de faire un texte créole se préoccupant uniquement de créoliser des mots et des phrases, alors que la créolisation véritable est d'exprimer une vision du monde qui est la mienne, qui est celle que nous avons ici pour décrire un personnage, pour décrire une situation. Je me demande toujours comment ma mère aurait raconté ça, comment mon père aurait vu ça, comment nous ici nous aurions vu ça. Pourquoi? Parce que insidieusement notre esprit est complètement dominé par les valeurs françaises, c'est-à-dire que spontanément lorsque j'écris, je suis français. Pour être Créole, pour être plus proche de ma vérité, je dois faire un effort de vigilance sur moi-même.⁷ (CHAMOISEAU, entrevista à Rose Réjouis, 1996)

Um esforço de vigilância. Atitude necessária para os desafios que escrever em *créole* apresenta. Não apenas por seu uma língua em formação enquanto registro escrito, mas também pela possibilidade de se perder o que a língua tem de melhor em sua forma oral, o encantamento.

Encantamento é o que os escritores da *créolité* vem conseguido fazer nas últimas décadas. Sem perder a originalidade e mantendo a essência do *créole*, eles desenvolvem essa expressividade fronteiriça que avança sempre instigando os seus fieis leitores.

3 OS ESCRITORES DA CRÉOLITÉ E A DEFESA DE UMA LITERATURA LOCAL

7 E eu dizia isso principalmente para certos escritores que vinham e que em seguida tentavam fazer um texto em *créole* se preocupando unicamente em crioulizar as palavras e as frases, enquanto que a crioulização verdadeira é exprimir uma visão do mundo que é a minha, que é esta que nós temos aqui para descrever um personagem, para descrever uma situação. Eu me pergunto sempre como minha mãe teria contado isso, como meu pai teria visto isto, como nós aqui nós teríamos visto isto. Porque? Por que (?) nosso espírito é completamente dominado pelos valores franceses, isso quer dizer que espontaneamente quando eu escrevo, eu sou francês. Para ser Créole, paa estar mais perto da minha verdade, eu devo fazer um esforço de vigilância sobre mim mesmo. (tradução livre)

Na Martinica, é forte o sentimento de representação da memória coletiva através da literatura oral, é através da tradição dos contos narrados à noite que o imaginário coletivo das pessoas se constrói e fortalece. A cultura *créole* martinicana é quase exclusivamente baseada na oralidade. A negação da língua crioula resulta no esquecimento dessa cultura oral e no apagamento das tradições.

Ni Européens, ni Africains, ni Asiatiques, nous nous proclamons Créoles. Cela sera pour nous une attitude intérieure, mieux : une vigilance, ou mieux encore, une sorte d'enveloppe mentale au mitan de laquelle se bâtit notre monde en pleine conscience du monde. (CHAMOISEAU, 1990, p.13).⁸

É dessa forma e com essas palavras, que Patrick Chamoiseau, em conjunto com os seus amigos Jean Bernabé e Raphaël Confiant, inicia o seu manifesto *Éloge de La Créolité*, proferido pela primeira vez em Maio de 1988 em um festival no Caribe, e posteriormente transformado em livro.

Nesta obra que conquistou adeptos em todo o mundo e que se tornou o marco oficial do movimento da criouldade, os autores não estão preocupados em formular uma nova teoria acerca das questões identitárias. Como eles afirmam no manifesto, a principal idéia é de apresentar um testemunho vivo da experiência cotidiana do povo antilhano.

Para Chamoiseau e seus amigos, a literatura antilhana ainda não existe, ela está no estado de pré-literatura, situação em que se encontra devido à falta de audiência entre os seus. A pouca circulação do que escrevem resulta na não interação do leitor e escritor. Para eles é o grito da criouldade que mudará esta realidade.

Ao se auto-proclamarem crioulos, esses escritores caribenhos convidam os seus conterrâneos a lançarem um novo olhar sobre a sua cultura e a aprenderem a vê-la através de novas perspectivas, deixando de lado o filtro dos valores ocidentais aos quais sempre foram submetidos.

Não são europeus, nem africanos e nem asiáticos, os antilhanos fazem parte de um novo grupo, uma nova geração que é o resultado da convivência entre esses povos e de suas trocas culturais. É a criouldade o resultado maior de um grande processo de multiculturalismo.

⁸ Nem Europeus, nem Africanos, nem Asiático, nós nos proclamamos Crioulos. Isto será para nós uma atitude interior, melhor: uma vigilância, ou melhor ainda, uma espécie de disfarce mental no meio do qual se construirá nosso mundo com plena consciência do mundo. (Tradução livre)

Segundo Chamoiseau, “Nous avons vu le monde à travers le filtre des valeurs occidentales, et notre fondement s’est trouvé «exotisé » par la vision française que nous avons dû adopter”⁹ (1990, p.14).

Foram esses valores culturais ocidentais que durante muito tempo impediram uma compreensão mais clara da realidade multicultural das Antilhas. O europeu impôs a sua cultura e a reproduziu. Às outras formas de manifestação cultural não coube espaço.

No entanto, não podemos falar do movimento da criouldade sem lembrar do grande percussor dos movimentos a favor da causa negra no Caribe que foi Aimé Césaire. Com o movimento da Negritude na década de 30, Césaire, juntamente com o seu amigo senegalês Léopold Sédar Senghor, assumiu o papel de levar a sociedade crioula à uma consciência dela mesma, partindo da idéia de África e assumindo a dimensão africana pertencente à cultura local.

Césaire se dizia africano e assumia a África como sua terra mãe. Fazia oposição ao homem branco e a tudo o que dele vinha. Ele transforma o termo “negro”, até então visto como pejorativo, dando uma nova dimensão, falando da Negritude com “N” maiúsculo, que é um substantivo próprio que representa todos os negros excluídos da sociedade branca.

Césaire pleiteava, pois, uma via de autenticidade por oposição ao clima de *inautenticidade* reinante entre os negros da América convencidos de que o único modelo cultural válido era o modelo branco ocidental. A Negritude césairiana pregava uma rejeição absoluta a essa concepção e suscitava a emergência de uma *personalidade antilhana*. (BERND, [?], p. 34)

É por isso que os escritores da criouldade se consideram filhos de Césaire, pois foi ele quem abriu passagem para novas formas de pensar o ser negro, foi o pioneiro nas discussões sobre as questões raciais e revolucionou a forma de se pensar enquanto homem não branco, não europeu.

Por outro lado, fica claro que os novos escritores antilhanos se recusam a se fechar na idéia de Negritude e ampliam os conceitos que dizem respeito a sua identidade. Eles não se concebem africanos como acreditava Césaire, eles se vêem além desse conceito,

⁹ Nós vimos o mundo através do filtro dos valores ocidentais e nosso fundamento se tornou “exótico” pela visão francesa que nós tivemos que adotar. (tradução livre)

se identificam como resultado do caldeirão das misturas de raças e reivindicam sua identidade crioula e que ela seja reconhecida à parte dos Africanos.

Dans de sociétés multiraciales telles que les nôtres, il apparaît urgent que l'on sorte des habituelles distinctions raciologiques et que l'on reprenne l'habitude de désigner l'homme de nos pays sous le seul vocable qui lui convienne, quelle que soit sa complexion : *Créole*. (CHAMOISEAU, 1990, p.29).¹⁰

Portanto surge a necessidade de, segundo eles, deixar tudo, todos os conceitos e teorias até então difundidos e aprender a explorar e a conhecer a si mesmo, é o que eles chamam de visão interior e reveladora que conduz a uma nova aprendizagem. "Réapprendre à visualiser nos profondeurs. Réapprendre à regarder positivement ce qui palpita autour de nous."¹¹(CHAMOISEAU, 1990, p.13).

Reaprender. São essas idéias proclamadas em *Éloge de la Créolité* que leva o afro-descendente antilhano a refletir sobre a sua identidade e o papel desta na produção da cultura local.

Segundo Ernest Pépin, poeta e romancista antilhano, a criouliidade é a tomada de consciência da diversidade do mundo caribenho. É igualmente a vontade de repensar a noção de identidade e é uma etapa da consciência de si-mesmo que leva a assumir o seu país.

Neste grupo de escritores das Antilhas, a escrita militante surge da preocupação com a manutenção e o registro das tradições culturais de seu povo. Chamoiseau, em conjunto com seus companheiros, queria principalmente colocar em evidência a identidade crioula e as suas manifestações culturais.

São eles que no fim da década de 80 apresentam o conceito de Criouliidade, e declaram que este "...é o cimento da nossa cultura e que ela deve reger os fundamentos da nossa antilhinidade"¹² (tradução livre). Em outras palavras, eles afirmam que é apenas

10 Nas sociedades multirraciais tais como as nossas, parece urgente que se saia das habituais distinções raciológicas e que se retome o hábito de designar o homem de nossos países sob a única palavra que lhe convém, qualquer que seja a sua natureza: Crioulo. (tradução livre).

11 Reaprender a visualizar nossas profundezas. Reaprender a ver positivamente tudo que palpita em torno de nós. (tradução livre)

12 « ... est le ciment de notre culture et qu'elle doit régir les fondations de notre antillanité. » (BERNABÉ, 1993, p.26).

através da aceitação do seu estado crioulo que os latino-americanos encontrarão seu espaço dentro da sociedade e da tradição literária.

Os autores discutem a necessidade de reavaliar os valores culturais que lhes foram impostos pelo colonizador e de valorizar os costumes que lhes são naturais e presentes através da tradição popular. E nessa busca eles defendem firmemente a procura das raízes locais na oralidade.

No entanto, eles percebem que, além da oralidade, eles precisam da escrita, pois a mesma pode ser uma via de conservação da tradição oral. Contrários à idéia de que a escritura pode ameaçar a prática da oralidade, eles acreditam assim como Laroche, que oralidade e literatura, longe de se excluírem, se complementam.

Assim, nasce um movimento que, além de colocar em evidência as tradições, pretende estabelecer um espaço para a produção de uma literatura local fundamentada nessa tradição oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando na escritura como uma via de conservação da oralidade e não como ameaça, os escritores das Antilhas percebem a importância do registro do oral mediante o risco do apagamento das suas tradições. Desse modo, a oralitura atende aos anseios dos jovens intelectuais no que diz respeito à produção de uma literatura própria, pois como afirma Laroche

...il faut distinguer l'oraliture de la littérature mais observer aussi dans l'un et l'autre cas une évolution parallèle qui n'exclut nullement l'utilisations des mêmes procedes techniques (...) en fait oralité et littérature, loin de s'exclure, se combinent.¹³

E esta combinação do oral e do escrito torna-se um desafio para os escritores. Os escritores das Antilhas tomam para si esta responsabilidade e, apesar das dificuldades de escrever, de registrar a língua oral, else insistem na conquista deste mundo. Em suas obras observa-se com freqüência uma linguagem fronteira entre o oral e o escrito, o

13 ... é preciso distinguir a oralitura da literatura, mas observar também em um e no outro caso uma evolução paralela que não exclui absolutamente a utilização dos mesmos procedimentos técnicos (...) com efeito oralidade e literatura longe de se excluírem, se combinam. (tradução livre)

registro de expressões em *créole* seguidas das traduções em francês, a escrita de termos em *créole* e os neologismos são presentes no decorrer das narrativas.

Escrever a história é um desafio para os antilhanos, principalmente por ser uma história que conduz a muitas outras histórias. Defender uma literatura local, que fale das tradições usando a língua marginalizada, se constitui um desafio a ser vencido cotidianamente.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas**, vol. 1. Tradução de Sérgio P.S. Rouanet. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de La Créolité*. Paris: Éditions Gallimard, 1992.

BERND, Zilá. *Inscrição do oral e do popular na Tradição Literária Brasileira*. In: **Fronteira do literário: literaturas oral e popular Brasil/França**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. p.75-91.

_____. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

CASTERA, Georges. *De la difficulté d'écrire en créole*. In : **Notre Librairie. Revue des littératures du Sud**. Número 24. Littératures insulaires de Sud. Jan a março de 2001.

CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. *Lettres créoles*. Paris: Éditions Gallilard, 1999.

CHIAPPINNI, Ligia; BRESCIANI, Maria Stella (orgs). *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002.

CONFIANT, Raphaël. *Créolité et francophonie: um éloge de la diversité*. Disponível em : <http://www.potomitan.info/articles/diversalite.htm> Acesso em: 04 de junho de 2010.

FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice (org). *Conceitos de Literatura e Cultura*. 2 ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: UFJF, 2010.

_____. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Rio de Janeiro: EdUFF, 1998.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LAROCHE, Maximilien. *Oralité et littérature*. In: **Revista Sociopoética**. Volume 1. Número 3. EDUEP – Editora da Universidade Estadual da Paraíba, Jan a Jul de 2009.

LEMAIRE, Ria. *Literatura Oral e Literatura Escrita – Um confronto de leitores*. In: **Actes do Terceiro Congresso**. Associação Internacional de Lusitanistas. P. 169-189.

_____. *Passado – Presente E Passado – Perdido: Transitar entre Oralidade e Escrita*. In: **Litterature D’America**. Trimestale. 26.09.2000.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita. A Tecnologização da Palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1998.

PÉPIN, Ernest. *Il ne faut pas opposer négritude et créolité*. Disponível em : http://www.caribenet.info/pensare_06_cadasse_negr_creol.asp?l=. Acesso em: 05 de junho de 2010.

ZIBERMAN, Regina. *Memória entre oralidade e escrita*. In: PAIVA, Aparecida ET AL. **Leituras literárias: discurso transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.